

*Michael Wolff*

# Fogo e fúria

## Por dentro da Casa Branca de Trump

TRADUÇÃO

Cássio de Arantes Leite

Débora Landsberg

Donaldson Garschagen

Leonardo Alves

Renata Guerra



Copyright © 2018 by Michael Wolff  
Todos os direitos reservados.

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Fire and Fury: Inside the Trump White House

*Capa*

Rick Pracher

*Foto de capa*

Jonathan Ernst/ Reuters/ Latinstock

*Foto de quarta capa*

Drew Angerer/ Getty Images

*Preparação*

Gustavo de Azambuja Feix

*Índice remissivo*

Probo Poletti

*Revisão*

Jane Pessoa

Clara Diament

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Wolff, Michael

Fogo e fúria: por dentro da Casa Branca de Trump /  
Michael Wolff – 1ª ed. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2018.

Vários tradutores

Título original: Fire and Fury: Inside the Trump White  
House.

ISBN 978-85-470-0055-4

1. Candidatos a presidente – Estados Unidos – Biografia  
– 2. Estados Unidos – História – 2016 – 3. Estados Unidos –  
Política e governo 4. Partido Republicano (Estados Unidos)  
– História 5. Presidentes – Estados Unidos – Biografia 6.  
Trump, Donald, 1946- 1. Título.

---

18-12546

CDD-973.929092

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Estados Unidos: Presidentes: Biografia 973.929092

[2018]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Praça Floriano, 19, sala 3001 – Cinelândia

20031-050 – Rio de Janeiro – RJ

Telefone: (21) 3993-7510

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

[facebook.com/editoraobjetiva](https://facebook.com/editoraobjetiva)

[instagram.com/editora\\_objetiva](https://instagram.com/editora_objetiva)

[twitter.com/edobjetiva](https://twitter.com/edobjetiva)

*Para Victoria e Louise, mãe e filha*

# Sumário

<i>Nota do autor</i> .....	9
<i>Prólogo: Ailes e Bannon</i> .....	13
1. Dia da eleição.....	23
2. A Trump Tower.....	33
3. Dia um .....	54
4. Bannon .....	66
5. Jarvanka.....	81
6. Em casa .....	98
7. Rússia .....	109
8. Organograma .....	124
9. Conferência de Ação Política Conservadora.....	142
10. Goldman Sachs.....	156
11. Grampo.....	166
12. Revogar e substituir .....	177
13. Bannon, o agonista .....	189
14. Sala de Crise .....	200
15. Mídia .....	212
16. Comey.....	227
17. No exterior e em casa.....	239
18. Bannon revisitado.....	252

19. Mika quem? .....	264
20. McMaster e Scaramucci .....	280
21. Bannon e Scaramucci.....	292
22. General Kelly .....	304
<i>Epilogo: Bannon e Trump</i> .....	319
<i>Agradecimentos</i> .....	329
<i>Índice remissivo</i> .....	331

## Nota do autor

A razão para escrever este livro não poderia ser mais óbvia. Com a posse de Donald Trump em 20 de janeiro de 2017, os Estados Unidos entraram no olho do mais extraordinário furacão político desde, pelo menos, Watergate. À medida que o tempo avançava, decidi contar esta história da forma mais minuciosa possível e tentar ver a vida na Casa Branca de Trump pelos olhos de pessoas próximas ao governo.

Minha ideia inicial era fazer um relato dos cem primeiros dias do governo Trump, o critério mais tradicional para se avaliar uma presidência. Porém, durante mais de duzentos dias, houve um atropelo, sem uma pausa natural nos acontecimentos, e as cortinas só se fecharam no fim do primeiro ato da presidência de Trump, quando o general da reserva John Kelly foi designado chefe de gabinete, no fim de julho, e quando o principal estrategista de Trump, Stephen K. Bannon, saiu três semanas depois.

A narrativa destas páginas se baseia em conversas mantidas durante um período de dezoito meses com o presidente, com a maioria de seus principais assessores — alguns conversaram comigo inúmeras vezes — e com muitas pessoas que, por sua vez, tinham conversado com aqueles assessores. A primeira entrevista aconteceu no fim de maio de 2016, na casa de Trump em Beverly Hills, bem antes que eu pudesse imaginar uma Casa Branca de Trump ou um livro sobre seus bastidores. O então candidato devorava um Häagen-Dazs de baunilha e opinava alegre e negligentemente sobre diversos assuntos, enquanto

seus assessores Hope Hicks, Corey Lewandowski e Jared Kushner entravam e saíam da sala. As conversas com membros da equipe de campanha continuaram durante a Convenção Republicana em Cleveland, quando ainda era difícil imaginar que Trump seria eleito. Essas pessoas se transferiram para a Trump Tower com o eloquente Steve Bannon, que antes da eleição ainda era visto como uma figura curiosa, mas depois passou a ser encarado como um milagreiro.

Pouco depois do dia da posse, garanti uma espécie de assento permanente em um sofá da Ala Oeste da Casa Branca. Desde então, fiz mais de duzentas entrevistas. Embora o governo Trump tenha praticamente transformado a hostilidade à imprensa em uma política, foi também mais aberto à mídia do que qualquer outro governo na história recente dos Estados Unidos. No início, minha intenção era ganhar certo grau de acesso formal a essa Casa Branca, algo como o status de uma mosquinha na parede. O próprio presidente incentivou essa ideia. No entanto, em vista dos muitos feudos da Casa Branca de Trump que entraram em conflito declarado desde os primeiros dias do governo, parecia que ninguém seria capaz de fazer isso acontecer. Da mesma forma, como não havia ninguém que dissesse “Vá embora!”, eu me tornei mais um constante mediador do que um convidado — algo bem próximo à mosca na parede —, sem ter feito nenhum acordo ou juramento sobre o que deveria ou não escrever.

Muitos dos relatos sobre o que aconteceu na Casa Branca de Trump são conflitantes e muitos, ao estilo de Trump, são simplesmente falsos. Esses conflitos — e essa flexibilização da verdade, para não dizer da própria realidade — constituem uma trama essencial deste livro. Algumas vezes, dei voz aos protagonistas para que apresentassem suas versões, deixando o julgamento para o leitor. Em outras, me valendo da coerência entre os relatos e de fontes que julguei confiáveis, cheguei a uma versão dos fatos que acredito ser verdadeira.

Algumas dessas fontes só aceitaram falar sob condição de total sigilo, convenção que requer, nos livros políticos da atualidade, uma narrativa impessoal dos fatos, feita por testemunha anônima. Também recorri a entrevistas não gravadas, o que permitia que determinada fonte fizesse uma citação direta com a certeza de que teria seu nome preservado. Outros aceitaram falar sabendo que o material só se tornaria público no lançamento do livro. Por fim, alguns aceitaram ser gravados, sem reservas.

Também vale a pena ressaltar alguns dos desafios jornalísticos que enfrentei ao lidar com o governo Trump, muitos resultantes da ausência de procedimentos oficiais na Casa Branca e da falta de experiência de seus protagonistas. Entre essas dificuldades, posso citar o trato com material confidencial que mais tarde, por descuido, foi registrado; fontes que falaram de modo confidencial e posteriormente abriram e divulgaram o conteúdo aos quatro ventos, como que libertas das antigas restrições; uma frequente negligência com o estabelecimento de parâmetros para uso de uma conversa; fontes que exigiam anonimato quando suas opiniões eram tão conhecidas e divulgadas que seria risível não lhes dar o crédito; e a divulgação quase clandestina, ou a surpreendente repetição, de conversas que deveriam ser privadas ou secretas. Sem falar, é claro, na voz constante, incansável e descontrolada do próprio presidente, em esfera pública ou privada, compartilhada por outras pessoas todos os dias, às vezes quase ao mesmo tempo que era pronunciada. Essa voz aparece ao longo de todo o livro.

Por um motivo ou outro, quase todos com quem entrei em contato — pessoas com altos cargos na Casa Branca, observadores constantes do governo — me concederam boa parte de seu tempo e empreenderam grandes esforços para me ajudar a esclarecer a natureza singular da vida dentro da Casa Branca de Trump. No fim das contas, testemunhei — e procurei passar isso neste livro — um grupo de pessoas que vêm lutando, cada uma à sua maneira, para chegar a um acordo sobre o que significa trabalhar para Donald Trump.

Tenho uma enorme dívida com cada uma delas.



# Prólogo

## Ailes e Bannon

A festa começaria às seis e meia, mas Steve Bannon, que de repente se viu entre os homens mais poderosos do mundo e agora se importava cada vez menos com as pressões do horário, estava atrasado.

Bannon tinha prometido comparecer ao jantar organizado por amigos em comum em uma casa de Greenwich Village para rever Roger Ailes, ex-presidente da Fox News, a figura mais importante da mídia direitista e antigo mentor de Bannon. No dia seguinte, 4 de janeiro de 2017 — pouco mais de duas semanas antes de Donald Trump tomar posse como 45<sup>a</sup> presidente dos Estados Unidos —, Ailes estaria se dirigindo a Palm Beach para uma aposentadoria forçada e, esperava ele, temporária.

A previsão anunciava uma nevasca, e por um momento o jantar parecia ameaçado. No alto de seus 76 anos e de seu longo histórico de problemas na perna e no quadril, Ailes caminhava com dificuldade. Vindo de sua casa à beira do Hudson, no norte do estado, ao chegar a Manhattan com a esposa, Beth, tomava cuidado com as ruas escorregadias. Mas estava ansioso para ver Bannon, cuja assistente, Alexandra Preate, continuava atualizando os presentes sobre a localização e o progresso de Bannon desde que saíra da Trump Tower.

Enquanto o pequeno grupo esperava por Bannon, Ailes roubava a cena. Quase tão perplexo com a vitória do velho amigo Donald Trump quanto qualquer outra pessoa, Ailes ofereceu ao grupo uma pequena palestra sobre o quão a política é absurda e aleatória. Antes de lançar a Fox News, em 1996,

Ailes esteve durante trinta anos entre os principais quadros operacionais do Partido Republicano. Por mais surpreso que estivesse com o resultado da eleição, ele defendeu a existência de um paralelo entre Nixon e Trump. Disse que não tinha certeza de que o próprio Trump, que já havia sido republicano, independente e democrata, pudesse dar conta do recado. Ainda assim, achava que conhecia Trump tão bem quanto qualquer outro e estava ansioso para lhe oferecer ajuda. Estava ansioso também para voltar ao jogo midiático direitista, e falou com entusiasmo das possibilidades de reunir o bilhão de dólares ou algo assim de que precisava para uma nova rede de comunicação.

Os dois homens, Ailes e Bannon, se julgavam estudiosos meticolosos de história, meio autodidatas em teorias universais. Entendiam isso em um sentido carismático — eles tinham uma relação pessoal com a história e com Donald Trump.

Agora, ainda que relutante, Ailes compreendia que pelo menos no momento estava passando a tocha da direita para Bannon. Era uma tocha que, alimentada com ironias, brilhava com força. A Fox News de Ailes, com seu 1,5 bilhão de dólares em lucros anuais, tinha dominado a política republicana durante duas décadas. Agora o Breitbart News, de Bannon, com seu parco 1,5 milhão em lucros anuais, reclamava para si o posto. Durante trinta anos, Ailes — até recentemente a pessoa mais poderosa da política conservadora — tinha sido indulgente e tolerante com Donald, mas no fim quem elegeu Trump foram Bannon e o Breitbart.

Seis meses antes, quando uma vitória de Trump parecia impossível, Ailes, acusado de assédio sexual, foi afastado da Fox News por uma manobra arquitetada pelos filhos liberais de Rupert Murdoch, conservador de 85 anos, acionista controlador da Fox News e o mais poderoso dono de meios de comunicação da época. A queda de Ailes foi motivo de muita comemoração por parte dos liberais: o maior bicho-papão conservador da política moderna fora derrubado pelas novas normas sociais. Pouco tempo depois, Trump, acusado de comportamentos muito mais inconvenientes e abusivos, era eleito presidente dos Estados Unidos.

Ailes gostava de muitas coisas em Trump: seu talento de vendedor, seu perfil de showman e suas fofocas. Admirava o sexto sentido de Trump para o

mercado — ou pelo menos suas tentativas incessantes e incansáveis de ganhar sempre. Gostava do jogo de Trump, do impacto que causava, de sua desinibição. “Ele segue em frente”, comentou um encantado Ailes a um amigo, depois do primeiro debate entre Trump e Hillary Clinton. “Você acerta Donald na cabeça, e ele segue em frente. Nem percebe que foi atingido.”

No entanto, Ailes estava convencido de que Trump não tinha princípios políticos nem formação para tanto. O fato de Trump ter se tornado o símbolo supremo do homem comum revoltado da Fox era outro indício de que os norte-americanos estavam vivendo em um mundo às avessas. A gozação se voltaria contra alguém — e Ailes pensou que podia ser contra ele.

Ainda assim, Ailes tinha observado os políticos durante décadas e, em sua longa carreira, vira praticamente todos os tipos, estilos, esquisitices, baixeiras, frivolidades e manias. Quadros operacionais como ele — e agora como Bannon — trabalhavam com toda essa fauna. Era a suprema relação simbiótica e mutuamente dependente. Os políticos eram os homens da vanguarda de um complexo esforço organizacional. Os quadros operacionais conheciam o jogo, assim como a maioria dos candidatos e dos detentores de cargos políticos. Porém, Ailes tinha certeza de que Trump não conhecia esse jogo. Trump era indisciplinado — não tinha capacidade para uma estratégia de jogo. Não podia fazer parte de nenhuma organização, nem provavelmente subscreveria um programa ou um princípio. Para Ailes, Trump era “um rebelde sem causa”. Era simplesmente “Donald” — e com isso não era preciso dizer mais nada.

No começo de agosto, menos de um mês depois que Ailes tinha sido afastado da Fox News, Trump pediu a seu velho amigo que assumisse a condução de sua calamitosa campanha. Conhecendo a pouca disposição de Trump a acatar ou mesmo a ouvir conselhos, Ailes recusou. Uma semana depois, o cargo era de Bannon.

Depois da vitória de Trump, Ailes parecia arrependido por não ter aproveitado a oportunidade de comandar a campanha do amigo e, ao mesmo tempo, cético quanto à possibilidade de ter uma nova chance. A ascensão de Trump ao poder, entendia Ailes, fora o improvável triunfo de muita coisa que Ailes e a Fox News representavam. Afinal, Ailes era talvez o principal responsável por romper as correntes dos revoltados, o que levou à vitória de Trump: ele tinha inventado a mídia direitista que se deliciava com o personagem de Trump.

Ailes, membro do restrito círculo de amigos e conselheiros frequentemente convocados por Trump, esperava ter mais tempo com o presidente assim que ele e Beth se mudassem para Palm Beach: sabia que Trump planejava viagens regulares a Mar-a-Lago, próximo da nova casa dos Ailes. Ainda assim, embora soubesse muito bem que em política a vitória muda tudo — o vencedor é o vencedor —, não podia se acostumar com a improvável e estranha ideia de que seu amigo Donald Trump era agora o presidente dos Estados Unidos.

Às nove e meia, com três horas de atraso e boa parte do jantar já consumida, Bannon finalmente chegou. De paletó desalinhado, com uma das duas camisas que eram sua marca e calças militares, o gordo barbudo de 63 anos se juntou aos convidados e assumiu imediatamente o controle da conversa. Recusando um copo de vinho que não pedira — “Não bebo!” —, ele soltou um comentário animado, um download apressado de informações sobre o mundo que estava prestes a assumir.

“Vamos jogar pesado, por isso precisamos ter cada membro do gabinete durante os sete próximos dias nas sessões de confirmação”, disse ele a respeito do ministério empresarial-militar estilo anos 1950. “Tillerson tem dois dias, Sessions tem dois dias, Mattis tem dois dias...”

Bannon saltou do Mattis “Cachorro Louco” — o general de quatro estrelas da reserva que Trump tinha nomeado secretário de Defesa — para um discurso sobre tortura, o surpreendente liberalismo dos generais e a estupidez da burocracia civil-militar. Passou para a iminente indicação de Michael Flynn — um dos generais preferidos de Trump, que tinha feito o discurso de abertura de muitos comícios do então candidato — para o cargo de conselheiro de Segurança Nacional.

“Ele é legal. Não é Jim Mattis e não é John Kelly... mas é legal. Só precisa estar bem assessorado.” E, então, Bannon declarou: “Se você eliminar todos os caras Trump-jamais que assinaram aquelas cartas e todos os neoconservadores que nos levaram a todas aquelas guerras... não sobra muita gente”.

Bannon disse que tinha tentado emplacar John Bolton, o famoso diplomata durão, no cargo de conselheiro de Segurança Nacional. Bolton era também um dos preferidos de Ailes.

“É um incendiário”, disse Ailes. “E um babaca esquisitão. Mas é necessário. Quem mais é bom sobre Israel? Flynn é um pouco maluco quanto ao Irã. Tillerson (designado secretário de Estado) só sabe de petróleo.”

“O bigode de Bolton é um problema”, bufou Bannon. “Trump acha que ele não tem o perfil. Sabe como é, gostar de Bolton leva tempo.”

“Bem, ele arrumou problema porque uma noite entrou em uma briga num hotel e também porque assediou umas mulheres.”

“Se eu contar isso a Trump, ele ganha o cargo.”

Bannon tinha a curiosa capacidade de defender Trump e ao mesmo tempo insinuar que não o levava muito a sério. Conhecera Trump, o sou-candidato-não-sou-candidato, em 2010: em uma reunião realizada na Trump Tower, Bannon tinha proposto a Trump que investisse meio milhão de dólares em apoio a candidatos ao estilo Tea Party, como meio de promover suas próprias ambições presidenciais. Bannon saiu da reunião achando que Trump jamais abriria mão daquele dinheiro, porque simplesmente não era um jogador sério. Entre aquele primeiro contato e meados de agosto de 2016, quando assumiu a campanha de Trump, Bannon, afora umas poucas entrevistas para seu programa do Breitbart, calculava não ter tido mais de dez minutos de conversa direta com Trump.

Mas agora o momento *Zeitgeist* de Bannon tinha chegado. Por todos os lados havia um sentimento global de dúvida: Brexit no Reino Unido, ondas de imigrantes chegando às costas hostis da Europa, a perda de direitos dos trabalhadores, o espectro de novos desastres financeiros, Bernie Sanders e seu revanchismo liberal — por toda parte havia reações adversas. Mesmo os mais fiéis expoentes da globalização hesitavam. Bannon acreditava que muita gente estava, de uma hora para outra, receptiva a uma nova mensagem: o mundo precisa de fronteiras — ou o mundo deveria retornar a um tempo em que havia fronteiras. Quando os Estados Unidos eram grandes. Trump tinha se tornado a plataforma dessa mensagem.

Naquela noite de janeiro já fazia quase cinco meses que Bannon estava imerso no mundo de Donald Trump. E embora tivesse reunido um considerável catálogo de peculiaridades de Trump, assim como motivos suficientes para possível alarme quanto à imprevisibilidade de seu chefe e de suas opiniões, isso

não alterava o extraordinário e carismático apelo que Trump exercia sobre a direita, sobre o Tea Party, sobre a base de memes da internet, nem influenciava agora, na vitória, a oportunidade que Bannon estava recebendo dele.

“Será que *ele* entendeu?”, perguntou Ailes de repente, fazendo uma pausa e olhando interrogativamente para Bannon.

Ele queria saber se Trump entenderia. Parecia uma pergunta sobre a agenda da direita: será que o playboy bilionário entenderia a causa populista dos trabalhadores? Mas provavelmente era uma pergunta à queima-roupa sobre a própria natureza do poder. Trump chegaria aonde a história o tinha levado?

Bannon bebeu um gole d’água. “Ele entendeu”, disse, depois de hesitar por um tempo talvez longo demais. “Ou entendeu o que entendeu.”

Com um olhar de soslaio, Ailes continuou olhando para Bannon, como que à espera de que mostrasse mais cartas.

“Sério”, continuou Bannon. “Ele segue o programa. É o programa dele.” Desviando-se da pessoa de Trump, enveredou por sua agenda. “No primeiro dia, vamos transferir a embaixada dos Estados Unidos para Jerusalém. Netanyahu está totalmente dentro. Sheldon (Sheldon Adelson, o bilionário dono de cassinos, de extrema direita, defensor de Israel e adepto de Trump) está totalmente dentro. Sabemos para onde estamos indo com isso.”

“Donald sabe?”, perguntou Ailes.

Bannon sorriu — ainda que quase com uma piscadela — e prosseguiu: “Que a Jordânia fique com a Cisjordânia, e que o Egito fique com Gaza. Que eles resolvam a questão ou afundem tentando. Os sauditas estão no limite, os egípcios estão no limite, todos mortos de medo da Pérsia... Iêmen, Sinai, Líbia... isso é mau... É por isso que a Rússia é tão essencial... Será que a Rússia é tão ruim? Os russos são meninos maus. Mas o mundo está cheio de meninos maus”.

Bannon disse tudo isso em um tom que traía sua excitação — um homem refazendo o mundo.

“Mas é bom não esquecer que meninos maus são meninos maus”, disse Ailes, provocando Bannon. “Donald pode não saber.”

O inimigo real, afirmou um Bannon muito seguro de si, escolhendo as palavras para não defender demais Trump nem diminuí-lo, era a China. Era a

primeira frente de batalha na nova Guerra Fria. E isso foi mal entendido nos anos do governo Obama — não compreendíamos nada daquilo que achávamos. Foi erro da inteligência dos Estados Unidos. “Acho que Comey é um cara de terceira linha. Acho que Brennan é de segunda linha”, disparou Bannon, depreciando o diretor do FBI e o da CIA.

“A Casa Branca de agora é como a Casa Branca de Johnson em 1968. Susan Rice (conselheira de Segurança Nacional de Obama) está comandando a campanha contra o Estado Islâmico como conselheira de Segurança Nacional. Eles estão atingindo o alvo, ela está escolhendo os alvos dos drones. Quero dizer que eles estão conduzindo a guerra com a mesma eficiência de Johnson em 1968. O Pentágono está totalmente desvinculado de tudo. Os serviços de inteligência estão totalmente desvinculados de tudo. A mídia livrou a cara de Obama. Tirando a ideologia, a estratégia é totalmente amadora. Não sei o que Obama está fazendo. Ninguém no Capitólio o conhece, nenhum empresário o conhece — o que ele realizou, o que está fazendo?”

“Onde Donald se encaixa nisso?”, perguntou Ailes, agora com a evidente suposição de que Bannon estava léguas à frente de seu benfeitor.

“Ele está totalmente conosco.”

“Focado?”

“Ele assume.”

“Eu não deixaria Donald pensar demais no assunto”, divertiu-se Ailes.

“De mais, de menos, isso não muda necessariamente as coisas”, bufou Bannon.

“Por que ele foi se meter com os russos?”, insistiu Ailes.

“Em grande parte porque foi à Rússia achando que ia falar com Pútín. Mas Pútín não lhe deu a mínima. Então ele continua tentando”, respondeu Bannon.

“Ele é Donald”, disse Ailes.

“É uma coisa grandiosa”, comentou Bannon, que tinha começado a ver Trump como uma espécie de paisagem natural, além de qualquer explicação.

Mais uma vez Bannon, no papel que havia imaginado para si, o de autor da presidência de Trump, prosseguiu no ataque, como se estivesse deixando de lado o assunto Trump — uma mera presença, grande e singular, que ambos deviam agradecer e suportar:

“A China é tudo. Nada mais importa. Se não dermos um jeito na China, não daremos jeito em nada. A coisa é muito simples. A China está onde estava a Alemanha nazista de 1929 a 1930. Os chineses, como os alemães, são o povo mais racional do mundo, até deixarem de ser. E eles vão mudar, como a Alemanha nos anos 1930. Você vai ter um Estado hipernacionalista, e quando isso se tornar realidade, não vai conseguir colocar o gênio de volta na garrafa.”

“Donald pode não ser Nixon em relação à China”, disse Ailes, impassível, insinuando haver pouquíssima probabilidade de Trump tomar as rédeas da transformação global.

Bannon sorriu. “Bannon explica a China”, disse, com um misto de notável grandiosidade e autodepreciação sarcástica.

“Como vai o menino?”, perguntou Ailes, referindo-se ao genro de Trump e seu principal conselheiro político, Jared Kushner, de 36 anos.

“É meu parceiro”, respondeu Bannon, em um tom que dava a entender que, mesmo que tivesse outra opinião, não externaria.

“É mesmo?”, pressionou Ailes, cético.

“Está na equipe.”

“Ele almoçou um monte de vezes com Rupert.”

“Ah, a propósito”, disse Bannon, “talvez você possa me ajudar nisso.”

Bannon então levou dez minutos tentando convencer Ailes a ajudar a neutralizar Rupert Murdoch. Desde que fora afastado da Fox, Ailes ficara mais amargo em relação a Murdoch, que agora vivia tentando influenciar o presidente eleito e aconselhando moderação — uma inversão completamente estranha entre as sempre estranhas tendências do conservadorismo norte-americano. Bannon queria que Ailes insinuasse a Trump — que entre as inúmeras neuroses tinha horror à perda da memória e à decrepitude — que Murdoch poderia estar ficando senil.

“Vou ligar para ele”, concordou Ailes. “Mas Trump faria qualquer coisa por Rupert. Como por Pútín. Puxa o saco e joga a merda. Só não sei quem segura a coleira de quem.”

Para a satisfação dos convidados, os dois magos da mídia direita, um mais velho e um mais novo (embora nem tanto), foram em frente até meia-noite e meia. Ailes, o mais velho, tentava enxergar através do enigma nacional que era Trump — embora dissesse que seu comportamento era sempre previsível —,



ao passo que Bannon, o mais jovem, aparentemente estava determinado a não estragar o grande momento que o destino lhe reservara.

“Donald Trump entendeu. É Trump, mas entendeu. Trump é Trump”, afirmou Bannon.

“Sim, é Trump”, disse Ailes, com ar de incredulidade.

# 1. Dia da eleição

Na tarde de 8 de novembro de 2016, Kellyanne Conway — diretora de campanha de Donald Trump e personagem central, e com ares de estrela, do mundo Trump — se acomodou em sua sala envidraçada na Trump Tower. Até as últimas semanas da corrida eleitoral, o quartel-general da campanha de Trump era um lugar desanimado. Tudo o que o diferenciava de qualquer escritório comercial eram alguns cartazes com palavras de ordem de direita.

Conway agora não escondia o bom humor, já que não estava mais prestes a presenciar uma derrota retumbante, se não cataclísmica. Donald Trump perderia a eleição — ela tinha certeza —, mas talvez pudesse segurar uma derrota por menos de seis pontos percentuais, o que seria na verdade uma vitória substancial. Quanto à iminente derrota, Conway não estava muito preocupada: era culpa de Reince Priebus, não sua.

Ela tinha passado quase o dia todo ligando para amigos e aliados políticos para responsabilizar Priebus. Agora dava informações a alguns produtores e âncoras de televisão com quem estabelecera laços sólidos — e com quem contava, depois das últimas semanas de constantes entrevistas, para conseguir emprego após as eleições. Vinha cortejando com cuidado muitos deles desde que aderira à campanha de Trump, em meados de agosto, e chegou a se tornar a voz combativa e confiável da campanha, com seus sorrisos espasmódicos e uma estranha mistura de azedume e impassibilidade, além do rosto particularmente telegênico.

Muito além dos demais terríveis equívocos da campanha, o problema real, dizia ela, era o demônio que eles não conseguiam controlar: a Convenção Nacional Republicana, dirigida por Priebus, por Katie Walsh, sua fiel escudeira de 32 anos, e por seu assessor de imprensa, Sean Spicer. Em vez de se lançar de cabeça, a Convenção Nacional Republicana, em última instância instrumento do status quo republicano, vinha reduzindo sua aposta desde que Trump ganhara a indicação, no meio do ano. Quando Trump precisou de apoio, o apoio não veio.

Essa era uma parte da história contada por Conway. A outra era que, apesar de tudo, a campanha tinha realmente se recuperado e saído do buraco. Para uma equipe com graves problemas de financiamento e com, para resumir, o pior candidato da história política moderna — cada vez que o nome de Trump era pronunciado, Conway revirava os olhos ou assumia um olhar de peixe morto —, eles tinham se saído extraordinariamente bem. Conway, que antes de Trump nunca tinha participado de uma campanha nacional e dirigia uma pequena empresa de pesquisa de opinião e trabalhara em campanhas menores, percebeu que, depois da campanha presidencial, se tornaria uma das principais vozes conservadoras dos canais de notícias.

De fato, um dos analistas da campanha de Trump, John McLaughlin, tinha começado a insinuar, mais ou menos durante a semana anterior, que os números em alguns estados importantes, até então desanimadores, podiam estar mudando em favor de Trump. Mas nem Conway, nem o próprio Trump, nem tampouco seu genro Jared Kushner — o verdadeiro diretor de campanha, ou supervisor da campanha designado pela família — tiveram abalada sua certeza: a insólita aventura em breve chegaria ao fim.

Apenas Steve Bannon, com sua visão de um homem que estava sempre em vantagem, insistia que os números virariam a favor deles. Mas como essa era a opinião de Bannon — do Steve maluco —, era o oposto de ser tranquilizadora. Quase todos na campanha, ainda que fizessem parte de uma equipe extremamente reduzida, se consideravam um grupo pé no chão, mais realista sobre suas perspectivas quanto talvez qualquer outra equipe política. Havia um acordo tácito entre eles: Donald Trump não só não seria presidente como provavelmente não deveria ser. Por conveniência, a primeira suposição significava que ninguém precisaria lidar com a segunda questão.

Quando a campanha se aproximava do fim, o próprio Trump passou a ficar otimista. Tinha sobrevivido ao vazamento da fita de Billy Bush, quando no

tumulto que se seguiu a Convenção Nacional Republicana teve a desfaçatez de pressioná-lo a abandonar a corrida. O diretor do FBI, James Comey, depois da estranha atitude que deixou Hillary em maus lençóis — ao anunciar, onze dias antes da eleição, que reabriria a investigação sobre os e-mails dela —, tinha contribuído para evitar uma vitória acachapante de Clinton.

“Posso ser o homem mais famoso do mundo”, disse Trump ao assessor Sam Nunberg, que saía e voltava da equipe, perto do desfecho da campanha.

“Mas você quer ser presidente?”, perguntou Nunberg (uma pergunta qualitativamente diferente da que costuma ser feita a um candidato: “Por que você quer ser presidente?”).

Nunberg ficou sem resposta.

É que não era necessária uma resposta, porque Trump não seria presidente.

O velho amigo Roger Ailes gostava de dizer que quem pretendesse fazer carreira na televisão deveria concorrer primeiro à presidência. Trump agora, incentivado por Ailes, lançava boatos sobre uma rede Trump. Era um belo futuro.

Trump assegurou a Ailes que sairia da campanha com uma marca muito mais poderosa e incríveis oportunidades. “É muito mais do que eu jamais teria sonhado”, confessou a Ailes em conversa uma semana antes da eleição. “Não penso em perder porque isso não é uma derrota. É uma clara vitória.” Além do mais, ele já estava preparando sua reação pública à derrota no pleito eleitoral: *a eleição tinha sido roubada!*

Donald Trump e seu minúsculo bando de asseclas de campanha estavam preparados para perder com fogo e fúria. Não estavam preparados para ganhar.

Em política, alguém precisa perder, mas todos invariavelmente pensam que podem ganhar. Quem não acredita na própria vitória provavelmente não ganhará — exceto na campanha de Trump.

O tema preferido de Trump sobre sua própria campanha era como ela era ruim e como todos os envolvidos eram uns perdedores. Ele também estava convencido de que a equipe de Clinton era brilhante e formada por vencedores. “Eles ficaram com os melhores, e nós, com os piores”, dizia sempre. O tempo passado com Trump no avião de campanha era sempre uma experiência épica de desrespeito: todos em volta dele eram idiotas.

Corey Lewandowski, o primeiro diretor mais ou menos oficial da campanha de Trump, vivia sendo repreendido pelo candidato. Durante meses, Trump o chamou de “o pior” e, em junho de 2016, acabou demitindo-o. Mas depois declarava que sem Lewandowski sua campanha estava condenada. “Somos todos perdedores”, afirmava. “Todos da equipe são péssimos, ninguém sabe o que está fazendo. Queria que Corey voltasse.” Logo Trump se decepcionou também com seu segundo diretor de campanha, Paul Manafort.

Em agosto, quando estava doze a dezessete pontos percentuais atrás de Hillary Clinton e enfrentava uma tempestade diária na imprensa demolidora, Trump nem sequer cogitava o improvável cenário de vitória eleitoral. Nesse momento de desespero, Trump, em certo sentido essencial, vendeu a campanha derrotada. O bilionário direitoista Bob Mercer, financiador de Ted Cruz, passou a apoiar Trump com uma injeção de 5 milhões de dólares. Acreditando que a campanha estava perdendo força, Mercer e sua filha Rebekah pegaram um helicóptero em sua propriedade de Long Island e compareceram a um evento de captação de recursos — com outros potenciais doadores abandonando o barco a cada segundo — na residência de veraneio de Woody Johnson, dono do New York Jets e herdeiro da Johnson & Johnson, nos Hamptons.

Trump não tinha nenhuma relação com Bob Mercer ou com Rebekah. Tivera poucas conversas com Bob, que era quase sempre monossilábico, e todo o contato com Rebekah se resumia a uma selfie com ela, tirada na Trump Tower. Ainda assim, quando os Mercer apresentaram seu plano de assumir a campanha e instalar seus prepostos Steve Bannon e Kellyanne Conway, Trump não ofereceu resistência. Só demonstrou não entender em absoluto por que alguém poderia querer fazer algo assim. “Já está tudo ferrado”, disse ele aos Mercer.

Qualquer indicador confiável atestaria que algo ainda maior do que fracasso assombrava a campanha que Steve Bannon chamou de “aleijada” — havia uma total impossibilidade estrutural.

O candidato que se anunciava bilionário — multibilionário — se recusava a investir o próprio dinheiro na campanha. Quando Bannon assumiu a campanha, disse a Jared Kushner — que à época passava férias na Croácia com sua mulher e David Geffen, inimigo de Trump — que depois do primeiro debate, em setembro, precisariam de uma verba adicional de 50 milhões de dólares para conseguirem chegar ao dia da eleição.